ÁFRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DANIELA TORQUATO BOMFIM

RESUMO

O presente artigo ressalta a importância da literatura africana na educação infantil, uma prática pedagógica para novos protagonistas em formação, pois é na primeira etapa da Educação Básica que iniciamos a formação integral da criança em aspectos afetivos, culturais, físicos, intelectuais, linguísticos e sociais, complementando a ação da família, da comunidade e da sociedade. Cabe ao educador proporcionar aos seus educandos diferentes práticas pedagógicas, um novo olhar sobre o continente africano de diferentes paisagens e valores, rompendo o paradigma do preconceito e do racismo no espaço privilegiado da educação: a escola. Conforme rege a LDBEN, ECA e suas recentes complementações.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Contos Africanos; Literatura Africana;

Literatura Infantil.

ABSTRACT:

This article highlights the importance of African literature in early childhood education, a pedagogical practice for new protagonists in formation, as it is in the first stage of Basic Education that we begin the integral formation of children in affective, cultural, physical, intellectual, linguistic and social aspects, complementing the action of the family, community and society. It is up to the educator to provide their students with different pedagogical practices, a new look at the African continent from different landscapes and values, breaking the paradigm of prejudice and racism in the privileged space of education: the school. As governed by LDBEN, ECA and their recent additions.

KEY-WORDS: Child education; African Tales; African Literature; Children's literature.

1. INTRODUÇÃO

Apesar da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, a qual estabelece a obrigatoriedade da inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial escolar verifica-se ainda uma visão imaginária de África pobre, miserável e selvagem como na obra de Edgar Rice (2014), onde Tarzan, um branco fora de do meio europeu, tira o protagonismo negro em questões pouco atuais do continente.

Certamente, por muito tempo houve uma indiferença a identidade negra como assim escreveu Eliane dos Santos Cavalleiro (1998, p.11):

[...] crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativo. Essas situações de discriminação, ocorridas na presença de professores, sem que estes interferissem, chamaram minha atenção. Os educadores não perceberam o conflito que se delineava. Talvez por não

saberem lidar com tal problema, preferiram o silêncio. Também me questionei sobre a possibilidade desse silêncio decorrer do fato desses profissionais compactuarem com as ideias preconceituosas, considerando-as corretas e reproduzindo-as em seus cotidianos.

Este trabalho propõe como objetivo geral dar voz à África Negra e, principalmente, apresentar as crianças, a riqueza cultural africana. Tendo como preambulo construir a identidade negra com autoimagem e autoestima positiva e, consequentemente, terá os seguintes objetivos específicos:

- Oportunizar às crianças da Educação infantil vivências na cultura africana, de modo a contribuir para a construção de um imaginário positivo do continente africano;
- Valorizar a identidade de crianças negras, na primeira infância, através da significação positiva de povos e de culturas negras;
- Oferecer aos alunos conhecimentos que lhes permitam buscar a superação do racismo e preconceito
- Educar as crianças, visando à igualdade racial;
- Incorporar os preceitos legais da educação para as relações étnico-raciais, os quais estão previstos na Lei nº 10.639/03.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com a LDBEN (BRASIL, 1996, p. 21), lei que organiza o sistema educacional brasileiro, a educação básica brasileira é "formada pela Educação

Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio" que determina o seguinte Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.8) em seu artigo 29:

[...] do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Há dezoito anos foi implementado no Brasil a Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas da rede pública e privadas de ensino fundamental e médio. Um marco de mudança nas questões raciais e uma oportunidade de ampliar a diversidade literária aos alunos em formação, uma perspectiva positiva para as relações étnico-raciais: afro-brasileira, africana e indígena. Nesse aspecto, essa lei abriu novas possibilidades no combate ao racismo e o preconceito, possibilitando a capacitação dos profissionais da educação com esta finalidade.

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-

Brasileira e Africana (BRASIL, 2013, p. 48) afirma que "as desigualdades nas trajetórias educacionais das crianças e jovens negros nas diferentes etapas de ensino, bem como as práticas institucionais e preconceituosas determinam percursos educativos muitos distintos entre negros e brancos", infelizmente se verifica que as

práticas pedagógicas ainda são centradas nas elites brancas reproduzindo diferenças injustiças sociais.

Segundo Silva (2011) toda teoria e prática curricular devem levar em consideração "desigualdades sociais". E de comum acordo, O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2013, p. 48 e 49) indica a seguinte proposta para Educação Infantil:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação de personalidade, para a construção da inteligência e para a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços de privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação racial. Isso faz com que as crianças, desde muito pequenas compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizam a importância dos diferentes grupos étnico-raciais para história e a cultura brasileira.

Visto que a Educação Infantil tem como principais metas:

- Ampliar as experiências e as vivências do cotidiano das crianças;
- Arquitetar maneiras para que a criança entenda o mundo em que vive, em seus aspectos culturais e sociais, de forma que o critique e que o transforme;
- Criar condições saudáveis, harmoniosas e seguras, de maneira que a criança possa vivenciar as habilidades de interação, de participação e de convivência.

E ainda importante salientar que na Educação Infantil temos um tempo tenro e propicio para mudanças oportunas em todos os segmentos do cidadão em formação, principalmente, no que se referi aos valores étnico-raciais regimentados em anos de marginalização dos ex-escravos depois de cento e trinta e dois anos da Abolição da Escravatura por meio da Lei Aurea, de 13 de maio de 1888, assinado pela Princesa Isabel, pois com o fim da escravatura não houve acerto com centenas de negros, pelo contrário houve uma separação destes para locais afastados das cidades num processo de retrocesso da democracia e da república.

Todavia a LDBEN (BRASIL, 1996) e o ECA (BRASIL, 1990) em seus aspectos e argumentos afirma que a escola deve propor diversos estímulos para que a criança, sujeito sócio-histórico-cultural, se desenvolva em seus aspectos físicos, cognitivos, afetivos, ético, sociais e psicológicos.

2.1 LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 119) "em algumas práticas se considera o aprendizado da linguagem como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica".

Depois da 'Rodinha de conversa' temos com um dos principais métodos de aprimoração da oralidade na Educação Infantil, a contação de histórias, que promove nas crianças menores: comunicação, criatividade, imaginação, ordem e ideias.

Segundo Barbosa (2010) após as crianças ouvirem, lerem, relerem, contarem e recontarem as histórias, estas passam a ter um valor significativo para elas, pois aprendem e se apropriam do mundo ao qual estão inseridas.

Mesmo que a criança não sabia ler é importante que o professor apresente o livro para as crianças desde cedo, para que estas possam explorá-lo de forma máxima ao interagir com suas páginas e capa: texturas, formas, tamanhos, cores, imagens, entre outros. “As diferenças que o significam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança” (COELHO, 2000, p. 29).

As histórias narradas, contadas, escritas e ilustradas nos livros proporcionam diferentes visões de mundo, ou seja, maneiras de viver e se relacionar com o outro na construção individual de identidade da criança. E “deve ser utilizada como veículo de informação e lazer para as nossas crianças, sendo assim, torna-se essencial para que aflorem futuros indivíduos com maior capacidade argumentativa, bem como com capacidade de interagir e modificar o meio em que vive” (SILVA, MARTINS, 2012, p. 8).

Soriano (1975 apud COELHO, 2000, p. 31) salienta que:

Ela pode não querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem linguística. O livro em questão, por mais simplificado e gratuito que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes do real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica. A literatura infantil é também ela necessariamente pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece, mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas (de conhecimento).

2.2 LITERATURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para o trabalho com Literatura Africana na Educação Infantil é necessário flexibilidade e sensibilidade, uma vez que não existem fórmulas mágicas para o professor nem receitas prontas, pois cabe ao docente ser construtor da identidade cultural do aluno como Freire (2012, p. 42) cita:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não se pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-se na estreita e pragmática visão do processo.

Considerando sempre o respeito mútuo entre educando e educador, pois não existe cultura superior, o famoso

"dono da verdade absoluta", pois todos são eternos pesquisadores em movimento dialético e dinâmico, como indicou o teórico. "A necessidade de um mundo democrático não é eliminar as diferenças, mas conviver com elas de maneira pacífica e harmoniosa" (NASCIMENTO, 2008, p. 54).

Nossos educandos têm o direito de conhecer todas as culturas, sobretudo o conhecimento das culturas africanas e indígena que tanto contribuíram na construção da identidade do povo brasileiro, a identidade cultural nos faz pertencer a uma cultura, onde todos são vistos com igualdade de condições (SILVA, MARTINS, 2012, p. 3)

"Engajar a cultura africana como um recurso perenemente frutífero, e não como uma referência solta e sem embasamento." (KARENGA, 2009, p. 347). A cultura e história africana dizem respeito a toda a humanidade como brasileiros e seus descendentes diretos e indiretos.

E acima de tudo temos que apresentar aos educandos personagens de valor que contemplam a dignidade, a beleza, a honestidade e a coragem, pois a Cultura Africana é rica em tradição, música, vestuários, culinária, artesanato, magia, aventura, heróis, entre outros.

2.3 LITERATURA AFRICANA EM LINGUA PORTUGUESA

Depois de estabelecemos uma ponte entre literatura infantil e a literatura africana, precisamos estreitar este vínculo através do uso de nossa língua materna, ou seja, a língua portuguesa. No continente africano temos hoje cerca de cinco países que com Brasil e Portugal formam a Comunidade de Países de Língua Portuguesa que merece destaque na preservação e difusão da língua. Sem esquecer-se do Timor-Leste, país da Ásia, que faz deste conglomerado lusófono.

Se no passado tínhamos a língua portuguesa como europeia e língua de

Camões e Saramago, hoje a temos como língua brasileira de Chico Buarque de Holanda e Clarice Lispector, como também, língua moçambicana de Mia Couto, e ainda, língua angolana de Pepetela e Ondjaki...

A inclusão da Literatura Africana como conteúdo na educação brasileira norteia o reconhecimento e a valorização da história, cultura e identidade afrodescendente como política de reparação no trabalho da diversidade como combate ao racismo e demais discriminações da sociedade em geral.

[...] nenhuma cultura se encontra a rigor em plenitude, não só porque há outras que contradizem sua autoridade, mas porque sua própria atividade formadora de símbolos, sua própria representação no processo de representação, linguagem, significação e constituição de sentido, sempre sublinha a pretensão a uma identidade originária, holística, orgânica (BHABHA, 1996, p. 2).

Outro fator, é que não se trata de qualquer produção em língua portuguesa que deverá ser estudada, mas sim aquelas autônomas, de expressão particular, única e não portuguesa, devido sua dupla complexidade e dupla natureza de literatura produzida pelo colonizado no idioma de seu colonizador. Ainda considerando as tradições ancestrais que estão cessando

revitalizadas diante das contribuições da antiga metrópole, reorganização e reorientação da cultura e do povo africano.

Fazendo um parêntese interessante, vamos observar um grande exemplo, de diálogo estabelecido entre os poetas africanos, especialmente os de Cabo Verde, e o poeta brasileiro Manuel Bandeira, que se pautou na valorização do cotidiano como meio de assinalar sua diversidade entre as nações, especialmente as de língua portuguesa, e na adoção de uma linguagem poética simples. É possível identificar as cinco características da lírica bandeiriana em paráfrases, paródias ou pela apropriação de algumas de suas passagens. Entre os principais exemplos, estão o poema Itinerário de Pasárgada de Oswaldo de Alcântara (1954) no qual é trabalhada a intertextualidade com o poema de Manuel Bandeira Vou-me embora pra

Pasárgada em que o poeta também é atraído pela utópica Pasárgada, e o poema de Ovídio Martins Antievasão, cujo eu-lírico rejeita essa terra utópica pelo amor à pátria.

Atualmente, as obras dos autores africanos de língua portuguesa se estabelecem como produção independente, com características marcadamente próprias e alguns de seus autores, como Mia Couto, Pepetela, José Eduardo Agualusa, José Luandino Vieira e Ondjaki, são internacionalmente reconhecidos. Todavia, a produção desses autores ainda é pouco conhecida pelo grande público no Brasil, em parte, devido à abordagem ínfima de sua literatura no ensino brasileiro e, em parte, ao limitado interesse do mercado editorial na publicação de suas obras, o que acarreta ainda maior dificuldade em se obter tanto material literário quanto crítico, limitando ainda mais o ensino que contribuiria para sua divulgação.

A literatura africana de expressão portuguesa oferece uma visão do negro e da África que foge da limitação dos estereótipos pejorativos, trazendo o negro no papel de protagonista, herói, sábio, fonte de conhecimento e de cultura, guerreiro e guardião da história de seu povo; permitindo, assim, que o leitor brasileiro descubra e redescubra a diversidade cultural que forma o continente africano e que está entranhada em suas próprias raízes ancestrais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que há muito a ser feito pelas instituições educacionais a fim de mudar trezentos anos de escravidão no Brasil e abrir caminhos para novos saberes e novas práticas pedagógicas, onde temos um continente todo a ser reconhecido sem dominação e opressão de seus principais personagens, de vários países com protagonistas negros, de várias tradições e de várias culturas, além da vasta fauna e imensa flora, de hidrografia e de geografia próprias.

Isto posto, conhecer a produção literária dos países africanos lusófonos, com seu conteúdo de afirmação de sua africanidade, de orgulho por sua ancestralidade e o papel desta como instrumento de redefinição do lugar do negro no mundo, é um meio de resgatar as matrizes culturais africanas e de ressignificar o que é a África e o que é ser negro para o afrodescendente brasileiro.

A superação das desigualdades raciais deve começar na educação infantil,

por exemplo, pela contação de histórias que nos anos iniciais da educação é um meio transformador e de desenvolvimento da linguagem oral das crianças pequenas e, consequentemente, estimula nelas criatividade, imaginação, o faz de conta, entre outros. Enquanto desperta diversidade de ideias, palavras, cores, formas, magia e encanto sobre a história da África.

Precisamos tomar o cuidado para que o trabalho sobre o continente africano não esteja presente na sala de aula apenas como modismo, não podemos impulsivamente fazer este trabalho, esperando um momento de iluminação divina, pois este é um universo imenso e complexo, o qual deve ser estudado cuidadosamente. Impedindo assim, uma abordagem folclórica desta temática para que não sejamos meros reprodutores de informações de documentários sem considerar o significado e origem das práticas culturais cotidianas.

Segundo Vansina (1982, p.146), "Todo grupo social tem uma identidade própria que traz consigo, um passado inscrito nas representações coletivas de uma tradição, que o explica e o justifica". O negro não pode ser visto como um ser humano sem cultura, sem linguagem, sem religiosidade, sem identidade, pôr num passado ter sido trazido da África como escravo.

Diz o proverbio africano "é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança". Isso significa que é preciso mais que uma sala de aula e suas paredes na educação.

Ao refletirmos sobre a importância dos africanos e afrodescendentes para a formação de nossa cultura, estaremos a caminho para o fortalecimento da autoestima de todos os afro-brasileiros e de todos os brasileiros em geral, pois realmente somos um povo mestiço.

Reconhecer os autores africanos lusófonos romperam com os padrões estéticos e temáticos da metrópole, mesmo que ainda escrevam na língua do colonizador, utilizaram a literatura como instrumento de autoconhecimento e de fortalecimento da autoestima nacional, rompendo com a imagem de servidão, submissão e de incapacidade de falar e agir por si próprio que era atribuída aos negros. A devida forma de nossos afrodescendentes crescerem sem a mensagem dominante da visão dominante de maneira inconsciente.

A África não pode ser mais entendida como uma unidade cultural, textos meramente informativos, de conhecimentos rasos e superficiais.

Devemos junto com os alunos refletir e valorizar os grandes nomes de personalidades negras que fizeram e fazem diferenças, lembrando, recordando e disseminando sobre as principais datas do calendário Afro-brasileiro. Nossa cultura é fortemente influência dos povos africanos no Brasil por meio da história, religião, alimentação, música, dança, etnia, costumes, cultura etc.

Se faz necessário lembra também que a estética do negro tem sido explorada nas edições de livros para a infância, principalmente, a cor da pele e o tipo de cabelo: crespo. Esquecendo-se que há povos brancos e árabes no continente africano e que a identidade dos africanos não fique presa a determinados traços de pele

e de cabelo.

Claro que a literatura infantil tem suas raízes na oralidade folclórica de diferentes povos como os contos de fadas, isso é um movimento natural mundial que não é diferente no Brasil. E que traz a nossa literatura infantil um nascer e uma consolidação com traços extremamente folclóricos nacionais, além de várias culturas: indígena, africana, europeia, oriental. Monteiro Lobato, um dos seus primeiros articuladores foi genial ao inaugurar uma literatura voltada às nossas origens e ao que há de mais autêntico no hibridismo cultural do qual fazemos parte.

O hibridismo cultural é um processo de negociação cultural, um modo de apropriação e, também, de resistência ao que é predeterminado. E o que nos diz Bhabha, ao citar Nelson Mandela, que quando estava em guerra realizou a negociação que "é a alma da política. Negociamos até mesmo sem saber que o fazemos: estamos sempre negociando em qualquer situação de antagonismo ou oposição política." (BHABHA, 1996, p. 5).

Na escola está negociação está ligada a difusão do conhecimento, no espaço privilegiado do saber é nossa missão promover uma educação ética, voltada para o respeito e convívio harmônico com a diversidade para tanto deve-se partir de temáticas significativas, que propiciem condições para que os educandos desenvolvam sua capacidade dialógica, tomem consciência de nossas próprias raízes históricas que ajudaram e ajudam a constituir a cultura e formar a nação brasileira; pois, o preconceito e o racismo são formas de violência. A violência só pode ser vencida com esclarecimento e diálogo.

Temos que por fim no mito da democracia racial que já foi indicada como sinônimo de conceito de distinção de grupos, diferença raças e diversidade sem considerar particularidades dos sujeitos, suas histórias e, principalmente, culturas.

Estimular de forma natural a leitura de livros como: "Menina Bonita de Laço de

Fita" de Ana Maria Machado; "As Tranças de Bintou" de Sylvane Anna Diouf;

"Meninas Negras" de Madu Costa; "A Bonequinha Preta" de Alaide Lisboa de

Oliveira entre outros. E ainda ouvir espontaneamente músicas como: "Zumbi" de

Jorge Ben (1974); "Raça" de Milton Nascimento (1976); "Rodésia" de Tim Maia

(1976); "Sorriso Negro" de Dona Ivone Lara (1981); "Pretobrás" de Itamar Assumpção (1998) entre outras.

A literatura infantil brasileira ainda faz papel de colaborada no processo de ensino-aprendizagem das grandes massas em fase de escolarização que ultrapassa atualmente o aspecto informativo e de entretenimento, sendo forte fonte de formação, depois da linguagem digital.

A rede de internet cresce em longa escala na interação de todos, mas não substitui a escola na aprendizagem, infelizmente verifica-se que diante da pandemia Covid 19 houve um grande comprometendo nos resultados dos alunos em casa por conta das medidas de proteção que devem ser tratados nos próximos anos por conta de novas politicas educacionais públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. C. S. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BHABHA, H. O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 6, p. 34-41, 1996. Entrevista concedida a Jonathan Rutheford por HomiBhabha.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. Lei nº 9.324, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá Outras Providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 12 dez. 2021. _____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo, V. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 12 dez. 2021.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino da História Afro-brasileira e Africana. Brasília:

SECAD/MEC, 2004.

_____. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília: SECAD/SEPPIR, 2009.

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo. V. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. BURROUHTS, E. R. Tarzan. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2014.

CAVALLEIRO, E. S. Do silêncio do lar ao silêncio escoler: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

COELHO, N. N. Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, M. Meninas Negras. 2. Ed. São Paulo: Mazza Edições, 2010.

DIOUF, S. A. As Tranças de Bintou. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

KARENGA, M. Introduction To Black Studies. Los Angeles: University Of Sankore Press, 2009.

MACHADO, A. M. Menina Bonita de Laço de Fita. São Paulo: Ática, 2011. NASCIMENTO, E. L. (Org.) Uma abordagem epistemológica inovadora. Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, V. 4. São Paulo: Selo Negro, 2009.